

Psicoterapia: novos caminhos a partir de Nietzsche¹

Nelson Coelho Junior*

É raro encontrar no mundo acadêmico e profissional da psicologia um autor que alie o rigor à criatividade em um texto bem escrito. Alfredo Naffah Neto faz mais do que isso. A qualidade de seus textos (sete livros publicados, além de inúmeros artigos e ensaios em coletâneas e revistas especializadas) já é bem conhecida em nosso meio, mas agora deparamos com uma obra acima de tudo inovadora. A novidade não está em reconhecer Nietzsche como um filósofo fundamental para o pensamento psicológico, psicanalítico e psicoterapêutico; tampouco está em fazer Nietzsche dialogar com Freud. O grande trabalho inovador de Alfredo Naffah está em propor um novo método e uma nova teoria consistente para o estagnado campo das psicoterapias.

Se os temas abordados (psicopatologia, concepção de personalidade, delírio, sonho, neurose) são familiares, as ferramentas para trabalhá-los são bastante inusitadas. Enquanto em nossas reflexões costumamos priorizar noções como comportamento, defesa, transferência, processo cognitivo, arquétipo, papéis, Édipo, narcisismo, angústia ou gozo, Alfredo Naffah nos fala de *nobreza salutar e escravidão, genealogia e transmutação, ressentimento e vontade de potência, tipos de moral e circuitos de vida*.

O encontro de Alfredo Naffah com a filosofia de Nietzsche já havia produzido um belo livro², que anunciava os princípios de uma *psicoterapia para a vida* e combatia as psicoterapias para a sobrevivência. As noções de vida e sobrevivência, obviamente, possuem um significado na obra nietzschiana que ultrapassa o uso comum desses conceitos. É a própria concepção das forças estruturantes da existência que sofre abalos quando passamos a conviver com as propostas de Nietzsche. Como afirma Naffah nas primeiras páginas deste seu último livro: a tarefa da psicoterapia nietzschiana é essa mesma:

a *transmutação de valores*. Seja pacientemente rastreando a composição de um valor instituído, seja mapeando os vários pontos do corpo social onde irrompem movimentos marginais que o questionam e o põem em xeque, o psicoterapeuta-genealogista será primordialmente um *instrumentador da mudança*. Cuidando para que a vida retome seus valores mais nobres (p.21).

A separação imposta por nossa habitual teoria do conhecimento entre mundo interior e mundo externo é substituída pela análise das formas de constituição dos códigos e valores que regem tanto os movimentos sociais como as

1 Resenha do livro *A psicoterapia em busca de Dioniso: Nietzsche visita Freud*, de Alfredo Naffah Neto. São Paulo, Educ/Escuta, 1994.

2 *O inconsciente como potência subversiva*. São Paulo, Escuta, 1992.

* Psicoterapeuta. Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Coordenador e professor do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da PUC-SP. É autor de *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo, Escuta, 1995.

práticas individuais. Trata-se, em última instância, de uma análise não dialética da “proliferação da moral e da culpa, a doença disseminada e posta como norma” (p.35).

Estamos situados no campo de luta entre forças ativas e forças reativas: “Num universo humano onde dominam valores morais: *sofrimento passivo, autopiedade etc*, as forças ativas acabam progressivamente despotencializadas pelas forças reativas, que tendem a controlar a personalidade” (p.36).

Assim, o texto de Naffah desconstrói noções estabelecidas de doença e saúde, e nos introduz em um novo plano de possibilidades diagnósticas e terapêuticas. São particularmente sugestivas suas reelaborações sobre o delírio, apoiadas na concepção nietzschiana de interpretação. Códigos tidos como universais e verdadeiros passam a ser relativizados, já que “o real é apenas um ponto de referência de múltiplas interpretações, onde aquela que for chamada de mais verdadeira o será apenas por melhor obedecer às convenções daquela cultura, daquele código singular” (p.62). O risco de todo pensamento crítico e desconstrutivo é não chegar a propor um pensamento afirmativo, suficientemente estruturado. Não se trata apenas de fazer uma filosofia crítica dos valores vigentes, mas também de afirmar caminhos claros para uma-nova prática. Alfredo Naffah sabe disso e nos oferece ao mesmo tempo uma crítica consistente da matriz psicanalítica e a proposta de uma nova concepção terapêutica.

Claramente, à psicoterapia genealógica propõe-se a operar rupturas e a realizar uma transmutação de valores. Para isso o autor recupera o ensinamento de Dioniso, o deus de múltiplas faces. Para Dioniso, o mundo é um *devenir* incessante, e a vida que deve ser afirmada é uma vida que está além do bem e do mal, pura intensidade onde as diferenças constroem constantes movimentos de existência. A ênfase na aceitação das diferenças, desde as mínimas diferenças em cada um até as grandes diferenças sociais leva Naffah a apontar como princípio básico da psicoterapia genealógica uma função ética que procura garantir o acolhimento “não-moral” de cada faceta, de cada personagem, de cada circuito afetivo que compõe a vida de todos os pacientes. Só assim aquilo que está aprisionado e marginalizado em cada um, através da predominância de valores morais vigentes, pode ganhar espaço de vida. Alfredo Naffah descreve um método terapêutico que, através da potência interpretativa, estabelece formas de luta contra as representações aprisionantes e os códigos morais que escravizaram as forças vivas. A potência interpretativa é aquela presente em uma “*interpretação genealógica, capaz de desconstruir a representação aprisionante [...] Interpretação é qualquer movimento – verbal ou não – capaz de operar uma ruptura, uma transmutação de valores*” (pp.89-90). O campo interpretativo, aqui, amplia-se e procura romper as amarras redutivas da linguagem, muitas vezes limitante em sua própria tentativa de ser origem e fim de toda possibilidade de significação.

Estes são alguns dos muitos conteúdos deste importante livro. Mas Alfredo Naffah nos convida a um diálogo que não se encerra na compreensão formal do conteúdo de sua obra. A proposta simultaneamente crítica e construtiva que estrutura o texto deve também estruturar nossa leitura. Deste modo, idéias provocativas podem realizar sua verdadeira tarefa: criar novas idéias que ativem novos campos de reflexão e trabalho.